

■ REVISTA

Humor centenário

SUZA MACHADO

No dia 23 de janeiro de 1904, circula em Salvador o primeiro número da revista *O Papão*, fundada por Ernesto Simões Filho, então um acadêmico de Direito, de 17 anos. "Seu lançamento foi um acontecimento na cidade e, embora se tratasse de uma publicação produzida por jovens, foi noticiado pelo *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*, à época dois importantes jornais de Salvador. Tratava-se de uma inovação alegre e inédita, com um caráter humorístico, mas também voltada para a literatura e as artes", destaca o presidente da Academia de Letras da Bahia (ALB), Cláudio Veiga.

"É praxe estabelecido por todo jornal que começa lançar um pomposo programa prometendo mundos e fundos, como candidato em vésperas de eleição; porém nós, que somos independentes como "a musa libérrima e audaz" do célebre poeta brasileiro, rompemos com a praxe e resumimos todo o nosso programa num único monossílabo: Rir! Sim. Rir... e rir muito, rir sempre, de tudo, de todos e até de nós mesmos, eis o nosso programa inteiro", anuncia o artigo de abertura do primeiro número de *O Papão*.

Inspirado na revista *O Malho*, criada no Rio de Janeiro, em 1901, *O Papão* tinha 24 folhas e seus cerca de 30 números circularam em 1904.

Além de Simões Filho, também atuavam na revista Mário Imbasahy da Silva, Álvaro Reis, Durval de Moraes, Euricles de Matos, Argileu Silva, Galvão de Castro, Filemon Menezes e Presciliano Silva, que, assinando como

Bailon, é autor da figura do Papão que ilustra o primeiro número da revista. Sua primeira redação funcionou no nº 22 da Rua Chile.

O conteúdo de *O Papão* incluía crítica literária e teatral, partituras musicais, crítica social e política e crônicas, assinadas por autores identificados por pseudônimos extravagantes, tais como Pantagrue, K. Lunga, Frei Pimenta, A Raposo, Frei Biriba, Zé Ferrão, Sá Pato, Pirrucho, A. Formiga, Satânio, Clak Puff e R. Val.

"Contrastando com a *Revista do Grêmio Literário da Bahia*, feita por intelectuais já formados, como Sílio Bocanera Júnior e Pethion de Villar, *O Papão* reúne um grupo de jovens, dos quais muitos se destacariam depois, como Presciliano Silva, que se tornaria um grande pintor, e Ernesto Simões Filho, que oito anos depois de *O Papão* fundaria o jornal *A TARDE*", salienta Cláudio Veiga, que em 1986 publicou a monografia *Um*

retrato da Bahia em 1904 - O Papão, pelo Centro de Estudos Baianos da Ufba, como parte das comemorações do centenário de nascimento do jornalista Simões Filho.

ANÚNCIO - O presidente da ALB destaca, também, que figuras destacadas tiveram suas caricaturas publicadas nas páginas de *O Papão*, como o então governador Severino Vieira, Sílio Bocanera, o poeta Lulu Parola, o pintor Lopes Rodrigues e o próprio Simões Filho. Outros, como Rui Barbosa, Francisco Mangabeira e Xavier Marques, foram retratados pelos ilustradores da revista.

O lançamento de *O Papão* foi anunciado previamente por uma série de anúncios publicados nos jornais de Salvador e cartazes colocados em diferentes pontos da cidade. "Nos dias 20 e 21 de janeiro, em matéria paga, avisava-se no *Jornal de Notícias* que, no sábado, isto é, dia 23, sairia *O Papão*. Dias antes, o mesmo periódico, em sua seção "Letras e Livros", dava a seguinte notícia: *O Papão* - Informam-nos de que, na próxima semana, começará a ser publicada, nesta capital, uma nova revista artística, literária e crítica, denominada *O Papão* e redigida por hábeis penas (*Jornal de Notícias*, edição de 13 de janeiro de 1904)", destaca Cláudio Veiga em seu estudo.

A solenidade de lançamento da revista também foi registrada pelos dois jornais, em suas edições de 25 de janeiro de 1904. O *Diário de Notícias* informava que em seu nome saudou a nova publicação, discursando, na ocasião, o jornalista Cosme de Farias.

ARQUIVO A TARDE



Presciliano Silva: ilustrador

"Enquanto nosso mestre e irmão mais velho, *O Malho*, vai rindo e malhando em todas as bigornas, nós, desta formosa Rua Chile, onde sentamos nos arraiais, com uma fome pantagruélica, escancarando as nossas faces gargantuescas, vamos *papando* todos os ridículos, todas as mazelas da *Heroína de Seios Titânicos*, da *Princesa das Montanhas*, da *Pátria de Moema* e *Castro Alves*, da *Primogênita de Cabral*, da *Atenas Brasileira*.

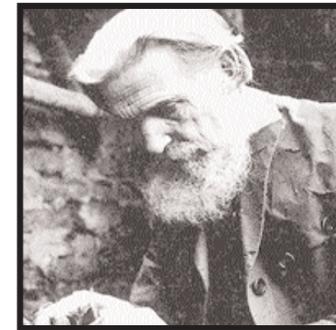
Não serão somente os meninos que tremerão, com medo d'*O Papão*, mas também os políticos e graúdos, de consciências limpas como as ruas de nossa cidade, alíás as faces do Dique de S. Salvador; cristalinas como as águas do Rio das Tripas, sentirão

amargos de boca ao verem as suas mazelas e ridículos arrastados para Rua da Amargura, cortados, esfacelados, mastigados e triturados pelos amolados dentes da boca formidável do horrendo e ruanesco Papão".

Artigo de apresentação da revista O Papão



FIGURA DO PAPAÓ, POR BAILON



...e fama e prestígio na Europa

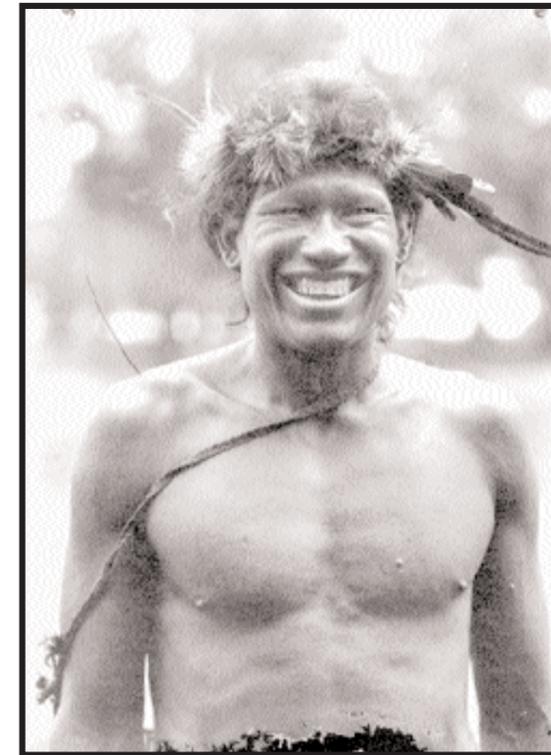
material sanitário como seringas, tubos de hipermanganato, algumas pinturas, máquina fotográfica e placas (chapas) fotográficas de vidro. Esclareceu também as circunstâncias do seu assassinato. Em agradecimento, o irmão de Guido Boggiani, Olivier, ofereceu ao explorador tcheco os negativos (as placas fotográficas) que registram retratos dos índios das várias tribos, sobretudo dos Chamacocos, cenas de atividades de rotina e festas dos indígenas, assim como as paisagens da área de Gran Chaco.

IRRITAÇÃO E DESGOSTO - Em setembro de 1905, Fric regressou à Europa com numerosas anotações sobre a mitologia indígena, sobre os costumes de várias tribos e com grande quantidade de artesanato indígena. O reconhecido etnógrafo Paul Radin veio a Praga para conhecer a coleção de Fric e os dois juntamente escreveram vários artigos para revistas especializadas da Grã-Bretanha, divulgando assim os resultados das pesquisas do jovem tcheco.

A terceira viagem durou dois anos: de agosto de 1906 a agosto de 1908. A pedido do governo brasileiro, Fric passou um período no Sul do Brasil, sobretudo no Estado de Santa Catarina, para estudar as causas dos conflitos entre os índios e os colonos, na grande maioria de origem alemã. Fric se posiciona do lado dos índios e, contrariando os interesses dos proprietários brancos, provoca irritação e desgosto não somente de autoridades locais, senão também do governo da Alemanha, chegando a perder o apoio dos museus de Berlim e Hamburgo.

Para solucionar os problemas existentes no Sul do Brasil, Fric sugeria a criação das reservas indígenas, polícia montada para proteger os interesses dos índios, libertar as crianças e mulheres indígenas, devolvendo-as para as tribos de onde foram tiradas e, finalmente, castigar todos os assassinos dos índios, muitas vezes alugados pelos fazendeiros para exterminar aldeias inteiras das regiões

GUIDO BOGGIANI/REPRODUÇÃO



Índio da tribo Chamacoco, estudada pelo antropólogo

em conflito. Dada a atitude hostil das autoridades de Blumenau, as propostas do jovem idealista não foram adiante.

Nesta terceira expedição, Fric pesquisou sambaquis, antiqüíssimos depósitos de conchas, restos de cozinha e de esqueletos amontoados por tribos selvagens que habitaram o litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina em épocas pré-históricas. Manteve contatos com as tribos Xetá, Kaingang, Caiapó, Sotegraic, Karaim, Morotoko, Lengua, Pilagá e Chamacoco. Todos os membros desta última tribo, já visitada por Fric várias vezes, sofriam naquele tempo de uma misteriosa doença que dizia-se mais da aldeia. Fric atendeu o pedido de levar consigo o sobrinho do cacique, Tcherwisch, até Buenos Aires, para procurar ajuda médica. Não tendo encontrado solução na capital argentina, resolveu levar o índio até Praga, onde finalmente foi detectado o motivo da enfermidade: tratava-se de um parasita transmitido pelos cães. Tcherwisch ficou bem e, mais tarde, levou a cura para toda a tribo.

Em setembro de 1908 teve lugar em Viena o 16º Congresso Internacional de Americanistas. Ao apresentar o trabalho sobre os Bugres da América do Sul, Fric causou

DIVULGAÇÃO



Escultura de Fric, por Vojtech Sapik

tatos com as tribos Caiapó, Morotoko e Caduveo. Enfraquecido pela malária, Fric teve de interromper várias vezes suas pesquisas antropológicas. Resolveu voltar via Londres para participar do XVIII Congresso Internacional de Americanistas, onde apresentou dois trabalhos: "Estudos mitológicos entre os Chamacocos, Caduveo-Kaingang, comparado com os Bakairis e Deus" e "Ídolos dos Kaduveo de Mato Grosso". Ambas contribuições tiveram boa receptividade e confirmaram seu crescente prestígio como etnógrafo.

CONFLITO - Após regressar a Praga, Fric começa a estruturar a quinta viagem para a América do Sul e os preparativos para o filme em que pretendia resumir as suas experiências anteriores e o registro cinematográfico das tribos já contactadas.

Porém, em 1914, irrompe a Primeira Guerra Mundial, impedindo-o de dar continuidade aos seus planos e sonhos. Devido à saúde debilitada pelas doenças tropicais, Fric não é convocado para servir. Nos anos da guerra, escreve para revistas, sobre índios, cactos e sobre os países visitados. Publica também contos e estudos políticos. Vende parte da sua coleção etnográfica para os museus de Viena, Berlim, Petersburgo e Nova York. Uma considerável parte dessa coleção se encontra até hoje no Museu de Náprstek, em Praga. Nesse período, também volta definitivamente ao seu amor original, os cactos.

Com o término da I Guerra Mundial, em 1918, surgem dos escombros do Império Austro-Húngaro várias repúblicas, entre elas a Tchecoslováquia. Depois dessa data, Fric ainda faz quatro viagens ao continente americano, porém, todas elas dedicadas às pesquisas botânicas. A quinta viagem, iniciada em 1919, está ligada, além disso, às atividades políticas, já que o Governo da nova República confiou a Fric uma missão cultural e comercial no Uruguai e Argentina.

A quarta expedição de Fric durou de 1909 a 1912. Levando de volta o índio Tcherwisch, decidiu visitar em primeiro lugar os Chamacocos. Com os remédios trazidos de Praga curou não somente os índios, senão também os cães, os macacos e outros animais domesticados. Fez con-

■ Continua na página 4